

A PEDRA E A PSIQUE

**Psicoterapia e Maçonaria
como Caminhos de
Descoberta**



PAULO CESAR T. RIBEIRO



A PEDRA E A PSIQUE

**PSICOTERAPIA COMO
CAMINHOS DE
DESCOBERTA**

PAULO CESAR T. RIBEIRO

Adquirido na Biblioteca da Psique – Uso pessoal

PREFÁCIO

Conhecimento e sabedoria.

Realmente surpreendente, o equilíbrio entre conhecimento e sabedoria aplicado ao desenvolvimento do ser humano. É o que este livro me traz à mente e aos sentimentos.

Vivemos atualmente em tempos de conflitos e divisões, a luta pela sobrevivência, a luta por tentar conseguir ter uma vida digna e feliz junto à sua família e à sociedade em que vivemos.

A busca pela felicidade muitas vezes é uma ilusão, ao pensar que em se tendo mais, teremos uma chance maior de conseguir este intento. Nesta vida agitada e conflituosa, muitas vezes o ser humano se esquece de ver que sem o equilíbrio entre o material e o “não material” causa a infelicidade, o desgaste emocional e, portanto, afetando o físico também.

Ter a sensibilidade de perceber, não só intelectualmente, mas também

emocionalmente este equilíbrio é uma atribuição que poucos conseguem.

Neste livro percebe-se claramente a preocupação do autor em promover o desenvolvimento não só do ser humano em sua materialidade, seja física ou emocional, mas também ajudar na busca da paz interior e felicidade, ajudando a humanidade a evoluir. Como psicoterapeuta esta é uma nobre missão e como homem Maçom, uma missão como construtor social. A ordem Maçônica tem este objetivo por saber que o ser humano é social, ou seja, se eu não estiver feliz com meu convívio profissional, não serei feliz. Se eu não estiver feliz no convívio com minha família, não serei feliz. Se eu não estiver feliz no me convívio com meus amigos, aqueles que me cercam, não serei feliz, e principalmente, se eu não estiver feliz comigo mesmo não serei feliz. Portanto, minha felicidade depende da felicidade do outro.

Ao associar as técnicas da psicoterapia ao ambiente e à filosofia Maçônica, achando os pontos de intimidade entre os dois ambientes, o autor demonstra intensa sensibilidade, inteligência e percepção do seu papel nesta

vida.

Atualmente, no Brasil existem cerca de 334.000 psicoterapeutas, também se estima que existam cerca de 220.000 maçons atualmente neste país. Quantos destes são psicoterapeutas? Por estas estimativas podemos deduzir a quão rara é esta obra. Dentro deste universo, quantos, até hoje, tiveram a sabedoria e a sensibilidade de fazer e reconhecer estes ambientes, e quão saudáveis podem ser? Não basta ser um psicoterapeuta ou não basta ser um maçom para poder fazer isto. Não basta ser um psicoterapeuta maçom para achar estas semelhanças e identificar o quanto são complementares. Há que ser também um ser humano diferenciado e preocupado com a felicidade e o tratamento desta busca, muitas vezes insana, pela harmonia. Demonstra não só profissionalismo, mas também a fraternidade que deve existir neste processo.

Lendo as páginas deste tomo, percebe-se claramente a competência como profissional e como homem maçom. Recomendado a todas as pessoas, sejam elas maçons ou não, pois a clareza e profundidade destas palavras nos

ensinam muito sobre nosso “Eu interior” mais profundo e da importância de se conhecer.

Ninguém espera uma fórmula mágica para se desvencilhar dos nossos problemas, ninguém pode esperar não ter problemas, mas sim, aprender como conviver e enfrentar estes desafios. Também aprendi de como, muitas vezes, é importante escutar e entender antes de falar ou agir, afinal, em um relacionamento, o mais importante é “o outro”. Se colocar na pele do outro.

Realmente este volume é surpreendente, e se bem estudado será de grande valia ao leitor.

Amilcar Alabarce Mathias.

Escritor e palestrante

01 - PALAVRAS QUE SE ABREM COMO PORTAIS

"Todo verdadeiro encontro é um rito silencioso entre almas que se reconhecem, mesmo antes de compreenderem o porquê."



PALAVRAS QUE SE ABREM COMO PORTAIS

Não sei exatamente em que ponto da minha jornada estas páginas começaram a ser escritas. Talvez quando, ainda jovem psicólogo, percebi que escutar alguém em profundidade era mais do que um método - era um ato sagrado. Ou talvez quando, já iniciado na Arte Maçônica, compreendi que o silêncio do Templo ressoava ecos internos semelhantes aos que escutava no consultório.

Este livro não é um manual, nem uma tese. É uma travessia. Um entrelaçamento de símbolos, vivências, reflexões e afetos.

Aqui, Maçonaria e Psicoterapia não disputam espaço; elas se olham, se reconhecem e, com humildade, se oferecem uma à outra. O olhar do terapeuta ilumina os labirintos da alma; o olhar do maçom acende as luzes do espírito. Ambos se curvam diante do mistério que é o ser humano.

Não é necessário ser terapeuta ou iniciado para ler estas páginas. Basta ter um coração aberto à escuta e algum respeito pelos caminhos do autoconhecimento.

Este livro é, acima de tudo, um convite: que você, leitor, caminhe comigo por essas trilhas simbólicas e reais. Que entre colunas e palavras, possa reencontrar algo de si mesmo - ou, quem sabe, um novo modo de olhar o mundo.

Seja bem-vindo.

Ir.: Paulo Cesar T. Ribeiro

03 - INICIAÇÃO, O PORTAL PARA SI MESMO

"Iniciar-se é consentir em morrer por dentro, para renascer com olhos mais abertos. Não se entra em si mesmo impunemente - mas quem atravessa a própria sombra, descobre que o silêncio é um templo, e que o primeiro degrau está sempre no coração."



INICIAÇÃO, O PORTAL PARA SI MESMO

Nenhuma verdadeira jornada de transformação começa do lado de fora. Mesmo quando tudo parece externo - o ritual, a cerimônia, a sessão de terapia - o que realmente se inicia é um movimento interno. É o próprio ser que começa a se mover em direção a si. A isso, chamamos, nas tradições espirituais e na psicologia profunda, de iniciação. E toda iniciação, seja formal ou silenciosa, tem um elemento em comum: ela marca o instante em que alguém decide nascer de novo.

Na Maçonaria, o termo "iniciar" carrega uma força simbólica ancestral. Não se trata apenas de ingressar em uma irmandade ou passar por uma cerimônia solene. A iniciação é um ritual de passagem, uma espécie de parto simbólico em que o neófito - ainda inconsciente de sua nova condição - atravessa um limiar entre o conhecido e o misterioso. Ao ser despojado dos metais, vendado e conduzido em silêncio, o candidato é convidado a morrer

simbolicamente para o mundo profano. Essa morte não é literal, claro, mas representa o abandono de padrões antigos de percepção, julgamento e comportamento. É a morte da ignorância orgulhosa, do ego desgovernado, da personalidade endurecida por certezas frágeis. E é também o nascimento de uma nova postura: a de aprendiz da própria existência.

Esse processo, profundamente ritualizado, ecoa dentro do ser humano em níveis inconscientes. Por isso, muitos irmãos relatam, mesmo anos após sua iniciação, que aquele momento permanece como um marco transformador, mesmo sem entenderem completamente o porquê. O simbolismo da câmara das reflexões, da caveira, da escuridão e do silêncio é uma encenação de morte e renascimento - uma metáfora viva da jornada interior que todos estamos, em algum grau, destinados a fazer.

Curiosamente, esse mesmo movimento ocorre na psicologia, embora por caminhos menos cerimoniais. O início de uma psicoterapia também é uma iniciação, ainda que silenciosa. O paciente não é recebido por irmãos nem por uma ritualística solene, mas sua travessia é tão

profunda quanto. Quando alguém decide buscar ajuda psicológica, é porque algo em sua vida chegou a um ponto de exaustão, de colapso ou de confusão interna. Esse ponto-limite pode se manifestar como ansiedade, depressão, conflitos nos relacionamentos ou simplesmente um vazio existencial. A dor funciona como chamado: “vá para dentro”.

O psicoterapeuta, assim como o Venerável Mestre da Loja, não impõe respostas. Ele conduz com escuta, presença e símbolos. Ao contrário da figura autoritária que dita caminhos, o terapeuta age como um companheiro de jornada que segura o lampião enquanto o outro desce ao seu porão. E essa descida, quase sempre, exige coragem para olhar as partes mais escondidas e desorganizadas de si.

Ambas as experiências - a maçônica e a terapêutica - iniciam com um ato de humildade. O iniciado admite que não sabe tudo. O paciente reconhece que não está bem. Ambos aceitam olhar para dentro e escutar o que antes evitavam. Essa disposição, por si só, já representa uma ruptura com o orgulho

defensivo que sustenta muitos dos nossos bloqueios mais profundos.

Na Maçonaria, essa humildade se expressa de forma plástica: a venda nos olhos, a escuridão, o silêncio da câmara. A pessoa é convidada a se desfazer das aparências. Na psicoterapia, ela se expressa pela fala: dizer aquilo que doeu, que foi escondido, que nunca foi aceito. Em ambos os casos, a iniciação se torna o portal de um processo: ninguém sai igual de um mergulho honesto em si mesmo.

Mais do que isso: a iniciação marca um pacto. Na Maçonaria, é o compromisso com os valores da Ordem - fraternidade, verdade, liberdade, trabalho interior. Na psicoterapia, é o compromisso consigo mesmo - com a verdade de sua história, com a vontade de compreender e com o desejo de crescer. Ambas as vias exigem constância, entrega e disposição para atravessar desconfortos em nome de algo maior.

Talvez seja por isso que tantos psicólogos se interessam pela Maçonaria - e vice-versa. Porque ambas falam do mesmo território: a alma humana. E ambas compreendem que

mudar exige mais do que informação - exige vivência. Na psicoterapia, o paciente aprende a nomear seus conflitos; na Maçonaria, o iniciado aprende a simbolizá-los. Em ambos os casos, o que era caótico começa a se organizar. O que era sombra se torna aprendizado. O que era dor vira sentido.

Importa, aqui, dizer que a iniciação não é um ponto final, mas o primeiro passo de uma longa estrada. É a entrada no templo, não o fim do trabalho. O verdadeiro labor começa depois: na constância das sessões, nos graus que se sucedem, nas decisões cotidianas que refletem (ou não) a consciência despertada. Por isso, iniciar-se é muito mais do que atravessar um ritual - é atravessar a si mesmo, e fazê-lo de novo, sempre que for necessário.

O que torna esse processo tão potente é justamente sua natureza simbólica. Nenhuma mudança interna acontece apenas com palavras. É o símbolo que mobiliza a alma. Quando um paciente sonha com morte, com labirintos, com portas e espelhos, está dizendo, através da linguagem onírica, que algo em seu inconsciente está pronto para ser revisto. Quando um maçom entra em Loja e contempla

as colunas, as luzes, os instrumentos e os painéis, está tocando em imagens que também falam diretamente ao seu mundo interior. O símbolo dispensa explicações: ele age.

E é por isso que psicologia e Maçonaria podem dialogar tão bem. Ambas reconhecem que o ser humano não é apenas razão e comportamento - é símbolo, é mito, é processo. Ambas se recusam a aceitar o reducionismo de que somos apenas biologia ou cultura. O que somos está no meio: entre o que herdamos e o que podemos transformar.

Iniciar-se, no fundo, é aceitar esse chamado à transformação. É dizer "sim" a um convite silencioso que pede: vá mais fundo. Olhe para o que evita. Reconheça o que já não serve. Construa-se, não a partir de modelos prontos, mas do encontro com sua própria verdade.

Neste livro, seguiremos explorando como esses dois caminhos - a psicologia e a Maçonaria - podem se entrelaçar de forma respeitosa, profunda e complementar. Mas tudo começa aqui: com esse ato sagrado de dizer a si mesmo, pela primeira vez com honestidade, que chegou a hora de mudar. Porque, no final

das contas, toda iniciação verdadeira é um gesto de amor. Amor por aquilo que ainda podemos ser.

**PAULO CESAR T.
RIBEIRO**



**Psicoterapia e Aconselhamento
Psicológico**

**Adolescentes, Adultos, Casais e
Gestantes**

Escritor e Palestrante

**R. Vergueiro, 3.153, Cj. 12 V. Mariana, S. Paulo,
SP, CEP 04101-300**

Email: paulocesar@psicologopaulocesar.com.br

www.psicologopaulocesar.com.br

Fone/Whatsapp: 11.94111-3637